

“JUNTOS *Peça* DEMOCRACIA!”

# O TRECHEIRO

JORNALISMO A SERVIÇO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

| Ano 30 | Edição 260 | 16 a 30 de Setembro de 2020 |



## A mulher em situação de rua está sujeita a todos os tipos de violência

**Políticas higienistas, abuso de autoridade e machismo são algumas das violências apontadas pelas mulheres que estão em situação de rua**

**Karla Maria**

**A**s 4h30 Joyce Aparecida e Suelen Santos começam a desmontar a barraca onde costumam dormir na Praça da Sé, no coração de São Paulo. A praça ainda está escura, mas já agitada, porque é ali, na feira do rolo, que elas buscam itens de sobrevivência, como roupas e sabonete. De lá, o casal segue para a Quadra dos Bancários (Rua Tabatinguera, 192) para tomar um cafezinho doado pelo Movimento Estadual das Pessoas em Situação de Rua.

Joyce, 42 anos, é natural de Santos e subiu a serra com Suelen, 31 anos, para tentar a vida na capital. “Hoje me encontro em situação de rua, mas eu era de Santos e com a pandemia perdi o emprego e não consegui mais pagar aluguel. Tento trabalhar na feira do rolo pra comprar um material de higiene, uma coisa ou outra, só que o rapa vem na grosseria, chuta e leva a mercadoria da gente”.

A renda insuficiente para garantir o próprio sustento e o dos filhos, ao lado de violências sofridas no contexto familiar, estão entre as causas para que as mulheres caiam em situação de rua. Angela (nome fictício), 31 anos, mora em uma barraca com o companheiro na região central. “Você está vendo meu rosto roxo? Ele me bateu. Ele bebe e fica violento, mas eu prefiro ficar

aqui com ele a estar sozinha, porque na rua homem nenhum respeita mulher”, conta a jovem. Assim como ela, Paula, 23 anos, também vive nas ruas de São Paulo. Com seu filho Davi de nove meses nos braços e uma gestação de sete, ela deixou Belém (PA) após uma discussão com seu companheiro e desembarcou na capital em plena pandemia de Covid-19.

Arrependida, agora ela tenta voltar a Belém. “Aqui o preconceito é maior que tudo. Hoje eu fui ao posto e a mulher já me mandou passar no Caps (Centro de Atenção Psicossocial) porque achou que eu era usuária de drogas, mas eu não

Joice e Suelen uma família. “Os caras não querem saber se você está grávida. Outro dia um cara no caminhão parou atrás de mim me chamando para fazer programa. Não sou puta não. Hoje em dia, você tá dormindo e vem homem pra cima de você”.

### Violência no plural

“Temos medo de dormir e não acordar. Morreram de frio do lado da gente, um foi de frio e o outro de overdose. Sabe, essas coisas mexem com o nosso psicológico, e aí você chega em um albergue e te tratam pior, por isso não

ventes, privacidade e um lar são ainda mais cruéis quando se trata da saúde íntima feminina. “A gente corre para o banheiro público, que tem horário determinado. Já aconteceu de eu acordar com sangue e ter de me enrolar em cobertor para chegar até o banheiro”, conta Joice. O mesmo acidente aconteceu no albergue. “Sujou o lençol e mandaram eu lavar e esperar secar para usar o mesmo”.

Ainda soa como tabu para a sociedade, mas mulheres menstruam, e aquelas que estão em situação de rua precisam de absorventes. Um pacote com oito absorventes, de qualidade duvidosa, dos mais fininhos, sai por R\$ 2. “Sem

contar as cólicas terríveis que eu sinto, os enjôos, e ter de viver andando assim, neste período, debaixo do sol. A situação de rua estressa a gente, mas minha perspectiva é ter autonomia, trabalho e moradia. Eu tenho fé”.

Janaína Xavier, 40 anos, já esteve em situação de rua e hoje é moradora da Ocupação Rio Branco. Mãe de nove filhos, a candidata à vereança em São Paulo denuncia que a mulher em situação de rua é sempre desrespeitada. “Você fala não para um homem e ele não aceita. Pra gente que vive na rua há violência de não poder tomar um banho, de não ter um absorvente ou uma calcinha para higienização. Ser gestante e ser de rua é terrível, porque as pessoas não te tratam como ser humano”.

Ela conta uma situação de violência policial a que sua filha de 24 anos foi submetida. “Ao ser abordada pelo policial militar com duas pedras de crack na mão, ele a chamou de traficante e queria colocar a mão nas partes íntimas dela. Ele a levou pra um cantinho e nisso eu cheguei. Ele disse que ia levá-la presa por tráfico. Foi aquela discussão. Até a policial feminina fazer a revista e ver que ela não tinha nada guardado, é isso, não há respeito algum”, desabafa.



Paula, Joice e Suelen buscam apoio na Quadra dos Bancários, na Sé, onde o Movimento Estadual da População em Situação de Rua de SP oferece refeições e apoio

uso drogas. As pessoas olham pra gente e já estão julgando”. Paula conta que uma assistente social e seus familiares tiraram seu filho. “Davi está com umas pessoas da minha família com quem não falo muito, mas depois de parir este vou voltar para buscá-lo. É meu filho”.

Paula não sabe ler e nem escrever, mas comunica-se com um humor resistente, típico de quem sabe seu valor. “Nós somos seres humanos, estamos aqui não porque queremos, mas porque estamos precisando. Queremos oportunidade, mas somos humilhadas até pela Prefeitura”, conta.

Ela não anda sozinha. Encontrou em

ficamos lá”, contou Joice, que pediu desligamento de um albergue localizado no Belenzinho, depois de se sentir ofendida por uma assistente social. “Nós estávamos no albergue Aparecida, no Belenzinho, só que por conta do preconceito e dos maus-tratos lá de dentro a gente preferiu ficar na rua. A assistente social disse que nós não éramos casal lá, nós fomos roubadas e ninguém tomou providência nenhuma. Eu peguei uma infecção no estômago por conta da alimentação também. O feijão veio azedo e a salada veio com bicho dentro, bem precário mesmo”.

A falta de dinheiro, de água, absor-

# Vítimas fora de hora e inocentes!

Silêncio é o nosso maior grito! É quase impossível começar a escrever algo e não lembrar do momento e contexto em que estamos vivendo. Agora já estamos falando a lamentável e triste realidade de mais de 133 mil pessoas que se foram, assassinadas pela Covid-19 e por negligência dos governos e daqueles que pensam de como manter seus ganhos e suas riquezas. Silêncio, abaixe a cabeça e ore na língua que queira por eles que se foram, mas também por aqueles que ficaram órfãos, parentes, amigos, conhecidos próximos, distantes. Ore por nós mesmos. Silêncio. A morte continua fazendo suas vítimas, a grande maioria pela Covid-19, mas a situação de rua também faz suas vítimas diárias, seja pela violência generalizada ou pelo preconceito. Vítimas fora de hora e inocentes!



Arquivo Rede Rua

A cada dia que passa, ou o poder público apresenta um conjunto de ações para melhorar a vida dessas pessoas que têm a rua como seu último refúgio ou vamos ter uma cidade em guerra. E nesta guerra já sabemos quem são os perdedores, todos nós. Mas, sem dúvida, o sofrimento pelas bombas, pelas pauladas, pelas prisões, pelas mortes e violências generalizadas vão ser dos mais fracos, pois não se pode comparar com o arsenal de guerra que o Estado utiliza. Com isso, a sociedade, as pessoas vão se embrutecendo, deixando a sensibilidade de ser humano, de coletivo, de espécie, enfim, o que menos importa é a vida do outro e do planeta. Sua condição social é que determina seu grau de humanidade. Quem está em situação de rua pouco importa para que tem casa, trabalho, mesmo que tudo isso seja financiando e precarizado.

Não importa, pode até ser que amanhã eu esteja na situação de rua, mas agora não estou e quero ver essa gente longe da minha casa, do meu prédio, da minha rua, da minha vida. Veja o que acontece na cidade de São Paulo, com o aumento de pessoas desempregadas, de despejos, muitos tendo que optar por comer ou morar, as ruas, ou melhor, os espaços vazios da cidade são ocupados por pessoas, famílias, grupos que não

conseguem um espaço digno para ficar. “Temos medo de dormir e não acordar. Morreram de frio do lado da gente, um foi de frio e o outro de overdose. Sabe, essas coisas mexem com o nosso psicológico, e aí você chega em um albergue e te tratam pior, por isso não ficamos lá”, fala de uma das mulheres entrevistadas na matéria “A mulher em situação de rua está sujeita a todos os tipos de violência”, escrito pela jornalista Karla Maria.

Estar em situação de rua, ou na calçada, como preferem alguns, é a única alternativa para mais de 30 mil pessoas só na cidade de São Paulo. Com o agravamento da situação aparecem os

absurdos e um sempre supera o outro. Já não vemos problema nas bombas e na violência generalizada da região da Luz, que parece não ter fim. Mas esta semana ficamos todos surpresos com a ousadia, o absurdo e sei lá mais o quê. Um condomínio na região central de São Paulo contratou um “serviço de retirada moradores rua”, numa normalidade nunca vista, como se fosse um serviço a mais no condomínio, registrado em seu balancete. Apesar de só 33 aprovarem o recurso, os 90 apartamentos vão dividir os custos, inclusive com uma possível ação judicial, pois, segundo a Prefeitura a prática é irregular, e a denúncia já foi encaminhada ao Ministério Público, segundo matéria assinada pela jornalista Luiza Souto, do UOL.

A saída passa por várias ações que vão desde a taxaço de grandes fortunas à implantação de políticas de moradia, de distribuição de renda, investimento em educação, saúde. Por fim, uma importante mudança é o que nos ensina o teólogo Leonardo Boff em seu artigo “A Covid-19 nos obriga a pensar: o que é o essencial?”, em que afirma:

“De nada vale a acumulação de bens materiais, a apropriação individual, a pura e simples competição. O que nos salva como seres vivos e sociais é a solidariedade, a cooperação, a generosidade e o cuidado de uns para com os outros e para com o ambiente.”



Cláudia Pereira

## POESIA

### Meus Pés

Eu vivia enclausurado  
Como se o mundo lá fora  
Fosse uma cela  
Meus pés procuravam o chão  
Com a intenção de se firmarem  
Mesmo sem sucesso caminhei  
Sobre pedras pontiagudas  
Tocando em espinhos  
Sedento faminto  
Mas sede do quê?  
Fome do quê?  
Os peixes no rio amanheceram  
Mortos assim como os meus sonhos  
Sonhei com super-heróis  
Tudo em vão  
Pois super-heróis não existem  
Só a realidade é soberana

**Adilson Guimarães**

convivente do Núcleo São Martinho



**O TRECHEIRO**  
FUNDADO EM AGOSTO DE 1991

Distribuição Gratuita  
Formato: Digital e Impresso em mural

O Jornal O Trecheiro é uma publicação da **ASSOCIAÇÃO REDE RUA**  
Rua Sampaio Moreira, 110 Casa 9 - Brás - 03008-010 / São Paulo - SP  
| (11) 3227-8683/ 3311-6642 | [rederua@rederua.org.br](mailto:rederua@rederua.org.br) |  
[Facebook.com.br/associacaorederua](https://www.facebook.com.br/associacaorederua) | Instagram: @rederua

### EXPEDIENTE

#### Conselho Administrativo

Andreza do Carmo  
e Arlindo Pereira Dias

#### Editorial

Rede Rua

#### Jornalista Responsável

Alderon Pereira da Costa  
MTB 39345/179/91V/SP

#### Equipe de reportagem

Arlindo Pereira Dias,  
Cláudia Pereira, Davi Amorim  
e Karla Maria

#### Fotos e Imagens

Cláudia Pereira, Luciney  
Martins, Vinícius Lima  
e Rinaldo Santos

#### Editor de Arte

Jovenal Alves Pereira

#### Equipe de Apoio

Felipe de Moraes  
Jovenil Ribeiro

#### Revisão

Alderon Costa,  
Andreza do Carmo,  
Arlindo Pereira Dias,  
Cláudia Pereira  
e Karla Maria

Este material foi impresso por  
intermédio do Programa DisseminaSUAS  
acesse: [paulus.org.br](http://paulus.org.br)



# Refúgio para quem não tem casa

**Em 24 anos de atendimentos ininterruptos, o Arsenal da Esperança já acolheu mais de 63 mil pessoas em São Paulo**

**Cláudia Pereira**

O centro de acolhida Arsenal da Esperança, que fica no bairro da Mooca, a 5,8 km de distância do centro de São Paulo, foi refúgio para centenas de pessoas no auge da pandemia do coronavírus. Mais de mil pessoas em situação de rua ficaram abrigadas cumprindo isolamento, medida de prevenção sugerida pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Desde o dia 23 de março até final de junho, conviventes do Arsenal mudaram a rotina e tentavam assimilar a realidade daquele momento. O Arsenal da Esperança recebe diariamente 1.200 pessoas. Em 24 anos de atendimentos ininterruptos, já acolheu mais de 63 mil pessoas. Diante de uma pandemia e o histórico de atendimentos do Arsenal, cuidar de vidas é o objetivo principal.

Padre Simone Bernardi, um dos responsáveis do Arsenal da Esperança, conta que não foi nada fácil organizar um momento de emergência e compara o período de isolamento a uma convivência dentro de um navio em alto-mar. A primeira medida foi criar métodos para que a informação chegasse clara para seus mais de mil acolhidos.

Assistentes sociais e orientadores formaram grupos com 15 pessoas (cada) e informavam sobre a realidade da pandemia que o mundo enfrentava



**Padre Simone Bernardi é um dos responsáveis pelo Arsenal da Esperança, localizado na Mooca, em SP**

e as medidas de prevenção contra a Covid-19. Comunicaram a decisão do Arsenal da Esperança em fazer o *lock-down*, expressão em inglês que significa confinamento. Em uma segunda-feira, 23 de março, alguns dos conviventes, ou melhor, hóspedes, como são chamados os acolhidos do Arsenal, não tinham entendido muito bem o que era a pandemia.

“Imagina você dizer às pessoas que tudo aquilo que é digno para elas naquele espaço de convivência, de um dia para o outro, muda e que você terá que ficar no espaço 24 horas por dia e sete dias por semana por um prazo indeterminado”, lembra Bernardi.

Nem todos os hóspedes aceitaram, é claro, e tinham a liberdade para fazer as suas escolhas. O Arsenal, sendo uma casa de acolhida, conta com certa rotatividade. Durante a quarentena alguns saíram para reencontrar familiares. Geralmente, uma pessoa permanece na casa por quatro meses. Para manter o

isolamento, a casa não repôs as vagas livres durante os 90 dias. De 1.200 hóspedes, pouco mais de 700 permaneceram até 29 de junho, completando 96 dias de isolamento.

A adaptação foi difícil, mas o objetivo era dar a possibilidade de quem não tinha casa permanecer em casa. As dificuldades foram muitas, a começar pela alimentação. Além das duas refeições diárias, jantar e café, foi preciso ter o almoço. Durante esse período foram servidas 200 mil refeições. As atividades coletivas foram suspensas, apesar de os espaços internos e externos serem amplos. Foram necessárias adaptações para conviver em isolamento. Com apoio, parceria e doações, instalaram uma tenda no jardim com um telão e equipamentos de som. A tenda contribuiu para o entretenimento, interações e assembleias semanais.

Apoiadores adaptaram salas para jogos de videogames, visando a entreter os hóspedes mais jovens. Comunidades

e amigos do Arsenal fizeram campanhas e doaram alimentos e material de higiene.

No mês de julho, o centro de acolhida flexibilizou a quarentena, a situação ficou mais complexa e foi preciso criar outros procedimentos. Com a casa potencialmente mais exposta, realizaram uma assembleia para esclarecer que o perigo permanecia e os cuidados foram redobrados, como protocolos de higiene e utilização de máscaras ao transitar dentro e fora da casa. Em todo tempo de quarentena, apenas uma pessoa foi confirmada com Covid-19 e hospitalizada.

O Arsenal da Esperança não é somente um “equipamento” que recebe pessoas em situação de rua. Tudo naquele espaço, que tem quase 24 mil metros quadrados, é um Lar para homens que não têm casa ficarem hospedados enquanto reorganizam suas vidas. Foi naquele espaço com jardins, quadras de esportes, biblioteca, padaria, lavanderia e oficinas educativas que muitos se protegeram durante o maior índice de contágio do coronavírus em São Paulo, que chegou a ficar com 90% de seus leitos ocupados.

Por trás das paredes do prédio tombado, que foi hospedaria para imigrantes no século 19, há um arsenal que fomenta a cultura de paz. O jornal O Trecheiro entrevistou padre Simone Bernardi, um dos coordenadores do Arsenal, para conhecer a história da casa que hospeda os mais pobres.

### O Trecheiro: Por que Arsenal da Esperança?

Padre Simone Bernardi: É um projeto em que a Sermig – Fraternidade da Esperança, da qual eu faço parte, se uniu aos sonhos de dom Luciano Pedro Mendes de Almeida. Dom Luciano conheceu o nosso trabalho em Turim (Itália). Lá nós atendemos em um prédio que no passado era uma fábrica de armas. A comunidade transformou-o no “Arsenal da Paz”, que atende pessoas abandonadas. Quando chegamos a São Paulo, em 1996, sabendo que o prédio era uma hospedaria de imigrantes, decidimos que aqui seria o Arsenal da Esperança.

### Como se planeja um arsenal de paz para o amanhã?

Precisamos nos desarmar de muitas coisas, entre elas o preconceito. Desarmando-nos vamos perceber o que é o amor. Jesus transformou o mundo com amor e não com a força.



“JUNTOS  
Pela  
DEMOCRACIA!”

Cláudia Pereira



Democracia é  
exercer a cidadania  
e respeitar os  
direitos das  
pessoas

Átila Pinheiro, conselheiro  
do Comitê Pop Rua de São Paulo

Tribunal Superior Eleitoral



## DE OLHO NO CALENDÁRIO DAS ELEIÇÕES 2020

- ✓ **1º/10** – Último dia para requerimento, alteração ou cancelamento da habilitação para voto em estabelecimentos prisionais e unidades de internação de adolescentes, transferência temporária de eleitores com deficiência ou mobilidade reduzida.
- ✓ **9/10** - Último dia para requerimento, alteração ou cancelamento da habilitação para votar.
- ✓ **16/10** - Estará disponível na internet a consulta à seção de votação.
- ✓ **31/10** - A partir desta data nenhum candidato poderá ser detido ou preso, salvo em flagrante delito.
- ✓ **5/11** - Último dia para o eleitor requerer a segunda via do título eleitoral dentro do seu domicílio eleitoral.
- ✓ **10/11** – A partir desta data nenhum eleitor poderá ser preso ou detido, salvo em flagrante delito, ou em virtude de sentença criminal condenatória por crime inafiançável, ou por desrespeito a salvo-conduto
- ✓ **15/11 - PRIMEIRO TURNO** (Das 7h às 17h), sendo que o período destinado aos idosos é das 7h às 10h
- ✓ **29/11 - SEGUNDO TURNO** (Das 7h às 17h. Municípios com mais de 200 mil eleitores onde não houve maioria absoluta na votação para prefeito terão segundo turno.

Organização Popular

# O TRECHEIRO

## Moradia Primeiro: o que é?

Cláudia Pereira

**O Moradia Primeiro rompe com a visão etapista na qual, para sair da situação de rua, a pessoa deve passar por diversos serviços**

**Luiz Kohara**

Centro Gaspar Garcia de Direitos e assessor da Pastoral Nacional do Povo da Rua

A proposta do Moradia Primeiro (Housing First) parte do princípio elementar de que as pessoas em situação de rua precisam de moradia permanente e individual, reconhecendo que a autonomia deve ser uma das bases para a saída da rua de forma mais sustentável.

A primeira experiência do Housing First a ganhar reconhecimento ocorreu no início da década de 1990, nos Estados Unidos, a partir das ações desenvolvidas pelo psicólogo Sam Tsemberis junto às pessoas em situação de rua que sofriam transtornos mentais e faziam uso abusivo de álcool ou outras drogas. Observava-se que os investimentos em saúde e assistência social tinham pouca efetividade, pois após recuperarem a saúde ou se desintoxicarem, as pessoas voltavam para as ruas nas mesmas condições de antes. Ficava evidente, assim, que as pessoas, antes de tudo, precisavam de uma moradia.

A prática do Housing First se difundiu para inúmeros países da América, Europa e Ásia, com adequações específicas conforme as realidades de cada região, e demonstrou resultados mais eficazes para a saída da situação de rua, com custos menores quando comparados aos de outros programas voltados para esse mesmo segmento social.

O Moradia Primeiro rompe com a visão etapista na qual, para sair da situação de rua, a pessoa deve passar por diversos serviços ou superar primeiro inúmeros problemas de saúde, drogas, emprego, vínculos sociais etc., para depois ter acesso à moradia. Ao contrário dessa visão, o Moradia Primeiro defende que a moradia definitiva individual deve ser o primeiro passo estruturante para o acesso a serviços de outras necessidades, como saúde, assistência social e trabalho.



A Ocupação Rio Branco 701 é uma das alternativas de moradia em SP

### Princípios orientadores do Moradia Primeiro:

- ✓ Priorização de pessoas ou famílias que apresentam maiores fragilidades;
- ✓ Acesso às moradias sem pré-requisitos ou processos preparatórios;
- ✓ Moradias permanentes e individuais (o beneficiário não pode levar outras pessoas para morar com ele);
- ✓ Moradias territorialmente dispersas;
- ✓ Disponibilidade do beneficiário para trabalho social individualizado e com autodeterminação do beneficiário;
- ✓ Integração social e comunitária do beneficiário;
- ✓ Quando há condição, o beneficiário contribui com até 30% de sua renda para as despesas com a manutenção da moradia.

Esta mudança no modelo de atendimento da população em situação de rua exige também novas metodologias para a superação dos problemas de inserção social. Também temos como desafio o acesso aos imóveis no mercado privado ou por meio de programas públicos.

A pessoa sem moradia tem sua dignidade humana totalmente violada. Sem moradia não é possível a efetivação dos direitos humanos. Considerando a heterogeneidade da população em situação de rua, são necessários diferentes programas públicos para que essa população tenha acesso à moradia, como programas de serviço de moradia social, de locação social, entre outros.

Todos que estão em situação de rua devem acessar a moradia, pois ela é a base estruturante para o acesso a todos os direitos fundamentais e à vida digna.

